

Vergílio Ferreira e a descrença no presente

Helder GODINHO
(Universidade Nova de Lisboa)

Vergílio Ferreira começa a questionação existencial da sua obra com o romance *Mudança* e com uma profunda e dolorosa descrença no tempo, em especial no Presente. Com efeito, o protagonista, Carlos Bruno, depois de, devido à crise, perder a segurança e as certezas que lhe tinham orientado a vida até à idade adulta jovem e que eram as certezas da origem, dadas pelo pai e pela sua maneira de estar no mundo, toma consciência do tempo que passa e que traz a mudança, de tal modo rápida e contínua, que o presente se torna lugar de descrença.

Por causa dessa mudança e da consciência da precariedade dos valores, ou seja, da sua morte, Carlos não consegue usar nenhum valor para em torno dele organizar a vida porque conhece a lei do tempo e da mudança. Mas, sobretudo, para ele o ter sentido significa ter uma duração eterna e, como sabe que em vez da eternidade é a mudança que rege o mundo, não consegue viver o presente, *acreditar nele*. Entre os dois modos que constituem a Forma do tempo, a temporalidade da mudança e a atemporalidade da eternidade, Carlos só existe na temporalidade (puramente destrutiva, ainda por cima) e na memória, forma regressiva de superar a mudança. O viver o presente *como se fosse eterno, acreditando nele*, é-lhe impossível, uma vez que só seria capaz de acreditar nas coisas eternas e a crise lhe roubou a eternidade. E quando, no sonho, o irmão, Pedro, lhe explica que os mercadores de escravos estavam certos para o seu tempo, isso não o satisfaz porque, para ele, estar certo ou fazer sentido implica ser eterno (o valor ou a situação).

O protagonista de *Mudança*, como, em geral, a arquipersonagem vergiliana, sofre de uma doença do tempo caracterizada por uma falta, uma ausência: a da atemporalidade (a atemporalidade da memória é um retorno do passado) e, por isso, relacionam-se mal consigo, com os outros e com o mundo por falta da permanência que lhes espelhe uma identidade, a sua. Por isso, Carlos destrói o seu casamento e a mulher que assassinou o marido que voltou de África com um aspecto mais jovem do que ela julgava ou o Bailote, o sementeiro bíblico de *Aparição*, não conseguem aguentar a mudança ou aguentar as relações apesar da mudança. Mudaram com a mudança, incapazes de se proverem de eternidade que lhes aguentasse a identidade. Por isso sofrem e, no caso da arquipersonagem, *procuram* reencontrar a eternidade perdida, ou seja, aquilo que lhes falta.

Muitas vezes o que falta, em termos de vida concreta, é uma ausência que aconteceu num tempo muito antigo (os pais, em *Nítido Nulo*, a mulher amada em *Para Sempre ou Até ao Fim*, por exemplo). E essa ausência levou consigo a "eternidade" criando uma doença do tempo e da identidade, que a arte procura resgatar pelo regresso que deve promover ao *mundo original* onde a disjunção que a falta introduz é substituída pela conjugação do mundo mítico das raízes, anterior à própria vida pessoal da arquipersonagem.

Apelo da Noite, com o conflito ideia/acção, próximo, de resto, de *Mudança*, ou outros romances mais recentes, como *Rápida*, *a sombra*, com a equivalência das formas culturais, condenadas todas à morte e à mudança, ou *Signo Sinal*, com a equivalência dos valores que torna impossível decidir a geometria da aldeia, são, entre muitos outros, exemplos da doença do tempo e da consequente *não-crença* no presente *como se fosse eterno*. Conceitos como o "ser

apenas" ou a "punctualidade" de um presente sem espelhos nem questionação pretendem introduzir algum "descanso", no cansaço de um tempo sem presente em que se acredite, para um *repouso* da procura sem fim. («Estou tão cansado», repete a arquipersonagem vezes sem conta).

Mas eis que *Aparição* pretende trazer uma solução para a descrença (a aparição de si a si próprio, num espelho) que é vivida como uma Boa Nova que o protagonista procura passar aos outros. A um tempo que não pára de mudar e de trazer a destruição de tudo, corroendo, como vimos, a própria identidade, opõe-se, agora o tempo atemporal da dimensão metafísica de si. Aparentemente, é a abertura de uma atemporalidade perfeita que dá acesso à zona onde a identidade é intocável. Mas, essa zona traz uma identidade ambígua, ao fazer aparecer simultaneamente o indivíduo e o mundo das origens, onde a proximidade com a indiferenciação poderia pôr em risco a identidade.

Com efeito, desde o princípio do romance que a descoberta de si, «essa entidade viva que me habita, essa presença obscura e virulenta que me aparecera»¹ (p. 26) implicava a descoberta da face última das coisas onde leria a verdade perfeita de si (p. 11). Ou seja, há um para lá de si e das coisas, lugar da «voz primordial»: «Esta cadeira em que me sento, a mesa, o cinzeiro de vidro, eram objectos inertes, dominados, todos revelados às minhas mãos. Eis que os trespassa agora este fluido *inicial* e uma *presença* estremece na sua face de espectros...» (p. 11, meus sublinhados). Ou seja, a descoberta da "verdade metafísica" de si vai de par com a descoberta do que poderíamos chamar também a verdade metafísica das coisas, ambas ligadas ao mundo original do fluido inicial e a uma presença invisível que assim se deixa entrever.² E continua: «Mas dizer isto é tão absurdo! Sinto, sinto nas vísceras a aparição fantástica das coisas, das ideias, de mim, e uma palavra que o diga coalha-me logo em pedra. Nada mais há na vida que *o sentir original* aí onde mal se instalam as palavras.» (pp. 11-12). Ou seja, a aparição de si não vem sem trazer também a aparição da verdade profunda de tudo, o mundo original.

Essa aparição traz também «o eco longínquo das vozes que me trespassam» (p. 12) e tem como consequência resgatar o presente, através da sua acção "divina" que recriou o mundo: «recriei à minha imagem tanta coisa bela e inverosímil. E deste mundo complexo, amealhado com suor, com o sangue que me aquece, um dia, um dia — eu o sei até à vertigem — será o nada absoluto dos astros mortos, do silêncio. *Mas tudo isto é quase falso, é quase estúpido só de estar a pensá-lo, a dizê-lo, porque a sua evidência é um milagre instantâneo.*» (p. 13, sublinhado por mim). Ou seja, a aparição de si e do mundo das origens colmatou a falta da eternidade e restaurou a "crença" no presente, ao ponto de a morte, símbolo máxima da mudança e da lei do tempo, que atrás impedia o viver o presente "acreditando nele", deixar aqui de fazer sentido. É um presente habitado por dentro no qual o *saber* a sua transitividade não lhe retira a "crença" nele como se fosse eterno. Através da recuperação da atemporalidade (matizada, embora, de passado) do mundo original, a Forma do tempo da arquipersonagem pôde equilibrar a temporalidade com uma atemporalidade que trouxe o presente para a sua vida. Era, de facto, de uma falta de atemporalidade (ou de "eternidade", na sua dimensão durativa) que se tratava e, como o mundo original se matiza de passado, era de uma falta que aconteceu *outrora* e que deixara o tempo entregue à temporalidade mutável onde a crença em nenhum valor era possível porque a todos faltava o "lastro" atemporal para permitirem a "paragem" para que um presente fosse vivido *como se*, ou seja, acreditado como se fosse um momento de eternidade. Estará assim preparado para viver o quotidiano *como se* o futuro o habitasse: «De que nadas a vida se sustenta! O necessário, sim, o necessário é que os vivamos de modo que o futuro pareça habitá-los.» (p.28)

Mas, curiosamente, esta presença de si a si próprio, apesar de ser o momento máximo da sua individualidade metafísica, liga-se à recuperação de uma "eternidade" que é passado mítico original: «... e busco a verdade inicial, a que sabe a minha presença no mundo, o que eu sou (...). A alegria que procuro é de um outrora absoluto, desde antes da infância, do eco que me transcende do passado ao futuro.» (p.121). A eternidade recuperada tem, assim, um matiz regressivo³ e alarga-se ao universo e à sua Ordem: «A minha procura é a primeira, a que está antes de todas, a que encontre para este corpo mortal, esta luz vivíssima e mortal, o seu lugar ignorado num universo que se cumpre, com ventos e águas e serras e desertos e planetas e Vénus e Marte e estrelas, Antares, Deneb, Altair — meu velho pai — e galáxias e milhões de anos-luz e o infinito que submerge e aturde.» (p. 221). Mas a marca do passado volta com frequência nessa procura de si e da eternidade: «... revertido à verdade antiquíssima e original que tateio nesta procura nocturna.» (p.236).

Assim, neste equilíbrio entre a descoberta de si, do tempo original (no qual ela se dá) e do espaço-tempo universal, termos que implicam todos a atemporalidade, o tempo recupera o presente: «Mas o tempo não existe senão no instante em que estou. Que me é todo o passado senão o que posso ver nele do que me sinto, me sonho, me alegro ou me sucumbo? Que me é todo o futuro senão o agora que me projecto? O meu futuro é este instante desértico e apaziguado. (...) a vida do homem é cada instante — *eternidade* onde tudo se reabsorve, que não cresce nem envelhece —, centro de irradiação para o sem-fim de outrora e de amanhã. O tempo não passa por mim: é de mim que ele parte, sou eu sendo, vibrando. Como imaginar o futuro?» (pp.254-5, meu sublinhado).

Vemos bem a distância que vai deste tempo ao da mudança pura. A aparição de si a si ao trazer para a vida da arquipersonagem a dimensão metafísica de ser trouxe também o tempo "eterno" do mundo original onde essa dimensão de si se "localizava" e o espaço total da Ordem do universo. Curiosamente, a descoberta da dimensão mais essencial e individualizante de si dá-se numa fronteira com um todo mítico e universal que, de algum modo, a nega ao ser o magma inicial de toda a vida. Mas, por isso mesmo, recuperou a eternidade para um tempo doente onde só a mudança imparável da temporalidade era percebida e onde nenhum valor era suficientemente estável para criar um presente.

Agora, o presente voltou, mas o resto da obra de Vergílio Ferreira continuará a ter dificuldade em viver uma Forma do tempo equilibrada nos seus dois modos e onde a recordação funcionará muitas vezes como reforço da consciência da mudança, de tudo que passou. A importância que o conceito de Ordem universal tomará nos últimos livros é uma reafirmação da eternidade com a qual todo o tempo se compõe mas situa-se para além do presente em vez de o informar. No quotidiano, é a mudança e o envelhecimento que dominam o tempo. Com a notável excepção de *Até ao Fim*, onde, depois do enterro do filho, o narrador decide arrumar o passado e viver o presente graças ao amor da nova mulher, Clara, que sabe a palavra que lhe liberta o presente dos fantasmas do passado permitindo-lhe, com isso, que ele seja vivido *como se fosse* eterno, ou seja, restituindo-lhe, com o amor, a possibilidade de *acreditar* no presente: «De vez em quando a memória levanta-se, pesada aflitiva. Tanta coisa ainda ao pé a ameaçar-me. E então um arrepio sobe em mim, aperta-me a garganta. Clara é bela e perfeita. Tem a vida toda circunscrita ao seu limite como a própria perfeição. Miguel, Tina, mesmo Flora, o olhar mais longínquo dos pais de outrora, vêm lentos, uma ronda à minha volta. *Clara sabe a palavra exacta para todo o presente ser meu.*»⁴ (p.272, sublinhado por mim). O passado não traz, aqui, pela memória, a permanência mas o engolimento do presente pela sua força onde tudo mudou e onde tudo foi

negativo, falando sobretudo da morte, a melhor característica da temporalidade. É Clara e a sua palavra de vida (de presente) que lhe dão a possibilidade de crer no presente.

Vemos, assim, que crer no presente é recuperar para o tempo a eternidade, *como se*. O fazer sentido deixa de estar dependente de uma eternidade que seja duração indefinida e sem fim e passa a integrar a própria vida no seu quotidiano, *como se*. A vida passa, assim, a fazer sentido no seu dia-a-dia porque o tempo humano integrou nele a eternidade não como duração infinita mas como atemporalidade, ganhando com isso a autonomia de uma identidade. *Aparição* mostrou-nos bem como a eternidade e a identidade (metafísica, neste caso, a dimensão mais profunda da identidade) se implicavam pela permanência de que ambas necessitam. *Mudança* tinha-nos mostrado como a perda da eternidade tinha perturbado a identidade de Carlos e a sua relação de amor, que não tinha espaço nem presente para ser. *Até ao Fim* mostrou-nos como o amor pode salvar o presente ao torná-lo ficção da eternidade. Em qualquer dos casos vemos a interdependência da Forma do tempo equilibrada nos seus dois modos, da identidade e do amor. Também *Estrela Polar* procurava o tu metafísico na mesma zona de eternidade da vida e *Em Nome da Terra* sobreporá ao universo (lugar da eternidade da Ordem universal) a mulher amada reconstruída pela arte: «Eu te baptizo em nome da Terra, dos astros e da perfeição.»⁵ (p. 295).

Só o tempo "autónomo" que integra em si a eternidade com força suficiente para construir uma Forma em que os dois modos, a temporalidade e a atemporalidade, versão provisória e ficcional da eternidade, se equilibrem, pode construir a identidade necessária para a estabilidade do amor e para a crença no presente.

Notas

¹ Lisboa, Portugalía, s.d. (1959).

² A revelação da «face última das coisas» é o tema do livro de Stephen Jourdain, *Cette vie m'aime* (Paris, Gallimard, 1962) que Vergílio Ferreira possuía na sua biblioteca e com o autor do qual trocou correspondência, uma parte da qual se encontra no espólio. O facto de *Aparição* ser anterior a *Cette vie m'aime* mostra que não houve qualquer influência.

³ Como dizia o Imaginário ao aprendiz: «Perdeste uma coisa há muito tempo. Vê se a encontras. Mas não queiras saber o que é.» in «O Imaginário», *Contos*, Lisboa, Bertrand, 1993, pp.193-210, p.201.

⁴ Lisboa, Bertrand, 1987.

⁵ Lisboa, Bertrand, 1990.